

# Ajuste em fundos leva dólar a 2,59

BC tenta forçar bancos a comprar títulos do governo. Taxa de risco do país vai às alturas

Luciana Rodrigues

**E**m mais um round da queda-de-braço entre o mercado financeiro e o Banco Central (BC), o dólar comercial disparou e o governo teve dificuldades para vender títulos da dívida pública ontem. A moeda americana subiu 2,41% e fechou a R\$ 2,597, a maior cotação dos últimos sete meses, devido a uma grande procura de tesourarias bancárias e também de investidores que tiveram perdas nos fundos de renda fixa nos últimos dias. Uma mudança nas regras do BC, antecipada devido à crescente desvalorização dos títulos do governo que fazem parte da carteira dos fundos de investimento, fez com que aplicações conservadoras tivessem perdas de até 4%.

A taxa de risco do Brasil, que mede a confiança dos investidores estrangeiros, também disparou: subiu 6,56% e fechou em 1.072 pontos. É a taxa mais alta desde novembro passado. O C-Bond, principal título da dívida externa brasileira, fechou a 72,08% de seu valor de face, com queda de 2,96%. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) caiu 0,46%.

A agência de classificação de risco Moody's rebaixou a perspectiva de nota para o Brasil, argumento que o governo terá dificuldade em rolar a dívida interna, problema que está na origem das perdas dos fundos de investimento. Como os títulos do governo estão valendo menos no mercado, os fundos tiveram prejuízos.

O anúncio da Moody's fez com que, nos negócios eletrônicos após o fechamento dos mercados, os contratos futuros de dólar subissem mais 0,70%.

No leilão semanal de títulos do governo, o BC conseguiu vender apenas metade dos papéis oferecidos, num total

de R\$ 750 milhões. E o mercado pediu taxas salgadas: os títulos prefixados, com vencimento em janeiro de 2003, foram vendidos por juros de 19,65% ao ano.

Em meio ao nervosismo dos cotistas de fundos de investimento e à crescente desconfiança do mercado sobre a capacidade do país de rolar a dívida pública federal, o BC tentou forçar os bancos a comprarem títulos do governo. A estratégia era punir as instituições que mantivessem grande volume de dinheiro em caixa. Os bancos têm duas maneiras de remunerar seus recursos: aplicando em títulos do governo ou emprestando dinheiro a outros bancos e ao próprio BC, que diariamente controla a quantidade de dinheiro em circulação.

## Bancos foram à forra comprando dólares

- Como cresceu a aversão a títulos do governo, o BC resolveu pagar apenas 10% ao ano nos empréstimos de um dia junto aos bancos ontem. A medida foi considerada extremamente punitiva, já que os juros básicos da economia estão em 18,50% ao ano, ou seja, 8,5 pontos percentuais acima da taxa paga pelo BC aos bancos ontem.

— É uma queda-de-braço. O mercado está testando o BC que, por sua vez, quer forçar os bancos a comprarem títulos do governo — explica Carlos Cintra, gerente de renda fixa do Banco Prosper.

A estratégia do BC, porém, não surtiu efeito ontem. Os títulos públicos pós-fixados (LFTs) com vencimento em 2006 fecharam com deságio de 2,30%, contra

1,60% na véspera. Quanto maior o deságio, menos valem esses papéis. Há dois meses, o deságio das LFTs para 2006 era de apenas 0,90%. Para tentar arrefecer os ânimos do mercado, o BC anunciou para hoje um leilão para troca de R\$ 5,2 bilhões em LFTs de longo prazo por títulos de mais curto prazo.

Na briga com o BC, os bancos foram à forra vendendo títulos da dívida externa brasileira negociados no mercado internacional e comprando dólares, para se protegerem de futuras desvalorizações nos papéis do governo. A Bovespa foi o único mercado que ficou relativamente imune e caiu só 0,46%.

— Parece que a aversão é a ativos do governo, por isso a bolsa não foi tão afetada — explica Carlos Carvalho, sócio da Questus Asset Management.

O dólar comercial registrou a maior valorização percentual, num único dia, desde setembro do ano passado. Mas os analistas afirmam que o movimento foi provocado principalmente por tesourarias bancárias. Não há ainda uma procura por proteção cambial (hedge) por parte de empresas. ■

- MOODY'S PIORA AVALIAÇÃO DO BRASIL, na página 30

## RISCO DO BRASIL DISPARA

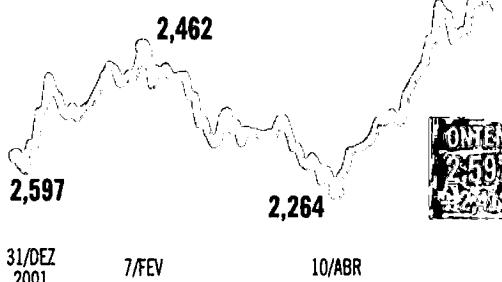
A taxa de risco de um país é calculada com base nas cotações dos títulos da dívida externa. Quando os títulos se desvalorizam, a taxa sobe. Essa taxa é, então, um sinal da confiança dos investidores estrangeiros no país. A taxa significa quantos pontos centesimais (ou percentuais) o governo brasileiro tem que pagar em juros pelos títulos do país acima da taxa paga pelo Tesouro americano pelos papéis dos EUA.

1.005  
(10,05%)  
Abertura

1.006  
(10,06%)  
Cotação mínima

## A ESCALADA DO DÓLAR Em R\$

Em meio ao nervosismo com as perdas nos fundos de renda fixa e a busca dos bancos por dólar para se proteger de futuras quedas dos títulos do governo, a moeda americana disparou ontem



## COMO ISSO AFETA SUA VIDA

### Rentabilidade dos fundos

Os fundos compram títulos da dívida do governo para garantir o rendimento a seus cotistas. Até semana passada, esses títulos eram avaliados, na contabilidade dos fundos, pelo seu valor de face, ou seja, pelo valor com que os papéis serão resgatados quando de seu vencimento.

### Desvalorização dos títulos do governo

Nos últimos meses, cresceu a aversão do mercado pelos títulos da dívida do governo e os títulos públicos passaram a ser negociados por valores cada vez mais baixos, ou seja, com deságio.

### Ganho irreal para os investidores

A forma de contabilizar o valor dos títulos passou, então, a ser um problema. Na verdade, os títulos e o patrimônio dos fundos valiam bem menos no mercado, do que em sua contabilidade.

### Antecipação da mudança

O BC já tinha dado um prazo, até setembro, para os bancos mudarem a forma de cálculo dos papéis. Na semana passada, ele decidiu antecipar esse prazo para sexta-feira. Ao fazer o ajuste, alguns fundos registraram grandes perdas.

### O que deve acontecer agora

Com a mudança nas regras e a aversão do mercado a títulos do governo, os analistas afirmam que, nas próximas semanas, ainda deve haver volatilidade nos ganhos dos fundos. Mas alguns deles ressaltam que as perdas de agora serão compensadas por ganhos futuros.